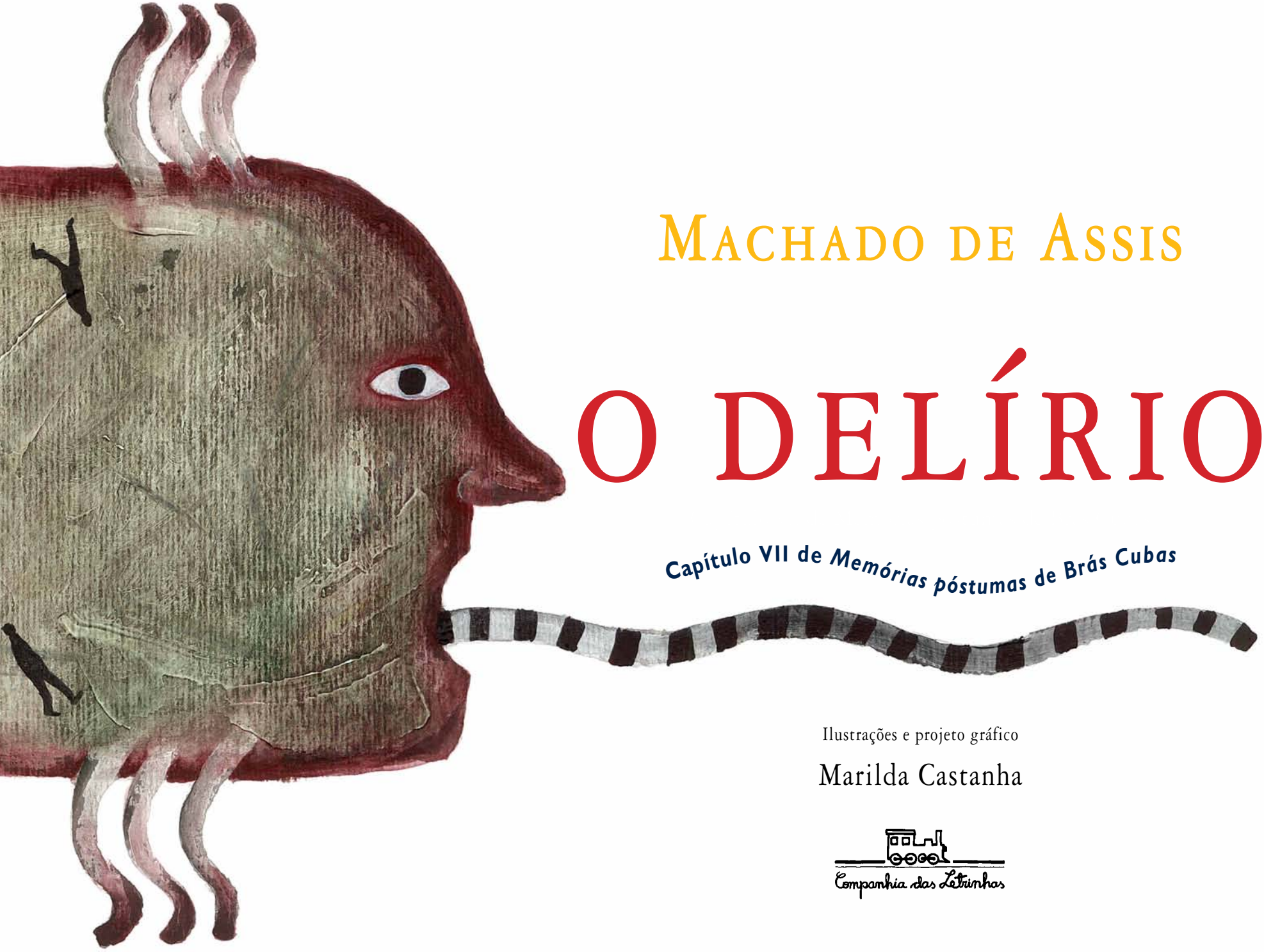


MACHADO DE ASSIS

O DELÍRIO

Capítulo VII de *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Ilustrações e projeto gráfico

Marilda Castanha

Companhia das Letrinhas

Copyright das ilustrações © 2010 by Marilda Castanha

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Revisão
Viviane T. Mendes
Adriana Moreira Pedro

Composição
Lilian Mitsunaga

Tratamento de imagem
Simone R. Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Assis, Machado de, 1839-1908.
"O delírio" Cap. VII de *Memórias póstumas de Brás Cubas* / Machado de Assis ; ilustrações Marilda Castanha. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2010.

ISBN 978-85-7406-445-1

1. Literatura infantojuvenil I. Castanha, Marilda. II. Título.

10-07465 CDD-028.5

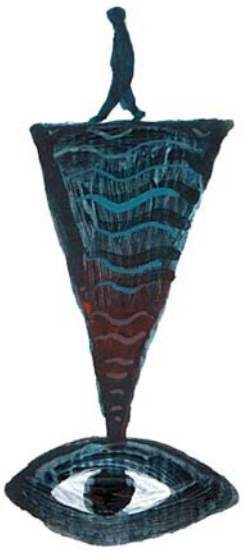
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

O delírio de Brás Cubas e a viagem de Machado

Isabel Lustosa



O maior escritor que o Brasil já teve foi Machado de Assis. Seus livros são escritos de uma forma tão interessante que o leitor fica pensando neles por muito tempo depois de lê-los. O fator mais importante para o sucesso de Machado não é tanto o que ele conta, mas *como* ele conta suas histórias: ele escreve de maneira direta, como se conversasse com o leitor. De suas obras, a mais original e ousada é *Memórias póstumas de Brás Cubas*, lançada em 1881, da qual faz parte este "O delírio".

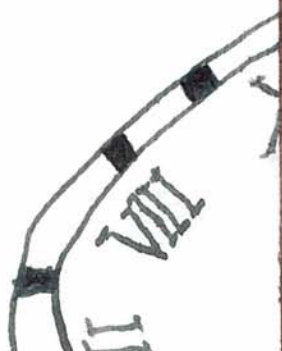
Memórias póstumas de Brás Cubas conta a vida de um homem comum da elite do Rio de Janeiro do século XIX. Um sujeito destinado ao fracasso tanto pela má educação que recebeu dos pais como pela natureza preguiçosa e pouco dada a grandes realizações. A infância do personagem se passa no começo daquele século. Suas travessuras dão oportunidade ao leitor de vislumbrar o ambiente de um almoço festivo numa casa de família da época. A mocidade de Brás Cubas, com sua paixão pela espanhola Marcela, revela o gastador inconsequente que os mimos paternos formaram. Despachado para Portugal, consegue obter o grau de bacharel pela Universidade de Coimbra, mesmo sendo um aluno medíocre. Por alguns anos circula ainda pela Europa, levando uma vida de playboy internacional, até que a proximidade da morte da mãe o obriga a regressar. No Rio, para curar a tristeza, recolhe-se por alguns dias à então distante Tijuca.

Voltando à vida social na corte do Rio de Janeiro, conhece aquela que será seu grande amor: Virgília. A paixão não nasce no primeiro momento, mas alguns anos depois, quando ele reencontra Virgília casada com um político importante. A história desse amor adúltero toma boa parte do livro, até a separação dos amantes, que não é marcada por nenhuma circunstância trágica. A vida de Brás Cubas daí em diante é de um tédio mortal. Sua atuação como deputado não se destaca por nenhuma iniciativa relevante. Ele abandona a política após a tentativa fracassada de se tornar ministro e de publicar um jornal de oposição, dedicando-se por algum tempo a obras de caridade. É nessa fase, a qual tem início com o fim de seu caso com Virgília, que Brás Cubas reencontra um amigo de infância, Quincas Borba, de quem se torna grande admirador. Quincas Borba apresenta-lhe sua teoria filosófica, a que denominou Humanitas, em torno das motivações que movem os homens e da necessidade econômica da guerra. Seus diálogos com o amigo filósofo ocupam o restante da narrativa, até que Quincas Borba enlouquece e morre na casa de Brás Cubas, pouco antes de este também adoecer e morrer.

Resumida assim, a história de Brás Cubas não tem um interesse maior. O que a torna fascinante é a maneira como Machado escreve. O autor faz com que as memórias sejam narradas pelo próprio Brás Cubas, só que depois de morto, e este as dedica ao "verme que primeiro roeu" o seu cadáver. A forma irônica como o defunto-autor conta sua história acaba por tornar muito interessante uma vida que talvez não tenha sido tão interessante. Escrita na primeira pessoa, a história vai e volta, entre o final e os vários momentos da vida de Brás Cubas, sempre entremeada de histórias secundárias. A todo instante, o narrador interrompe o que está dizendo para comentar um detalhe

do que terminou de contar; ou para refletir sobre as razões de determinada atitude sua ou dos outros personagens; ou ainda para envolver o leitor no delírio que o acomete num dos primeiros capítulos do livro. É essa vertiginosa e galopante viagem da mente febril de Brás Cubas em seu delírio, contada no capítulo VII, o tema desta publicação.

Como a história é contada de trás para diante, ou seja, do ponto de vista do morto, ele começa narrando o próprio enterro e, depois, a agonia que antecedeu a sua morte. É nesse momento que acontece o delírio no qual Brás Cubas se vê, inicialmente, como um barbeiro chinês que trabalha para um mandarim e, logo em seguida, como um livro: uma edição muito bem encadernada da *Suma teológica* de são Tomás de Aquino. Daí as coisas tomam um ritmo mais acelerado, e, montado num hipopótamo, Brás Cubas começa uma longa corrida através dos tempos até quase alcançar o final deles. Essa corrida, marcada por encontros assustadores, termina quando o doente desperta de seu delírio no exato instante em que vê que o hipopótamo que montava não era mais do que seu gato tranquilamente deitado sobre um tapete diante de sua cama.

O delírio é uma espécie de viagem pela imaginação de Machado de Assis, mas também por um universo de questões filosóficas que sempre estarão presentes em sua obra. Aliado às ilustrações inspiradas de Marilda Castanha, revela-se um conto fantástico, um texto com vida própria em que a imaginação do autor viaja livremente. Machado de Assis, mulato de origem modesta, epilético, funcionário público que dependia exclusivamente de seu salário para viver, nunca saiu do Rio de Janeiro. Viagem mesmo, ele fazia por lugares que apenas podia imaginar, como o Extremo Oriente ou a Grécia antiga, através do sonho ou do delírio de seus intrigantes personagens.

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.